

A Glória de Colette

Rubem Braga

UM artigo de evocações sobre Colette me levou a reler dois de seus livros que eu lera demasiado jovem. Peguei ao acaso *Mitsou* e *La Vagabunde* e me deixei levar com delícia por seu estilo tão simples, tão fresco e sensível. É difícil conceber que alguém possa escrever melhor do que ela; seu estilo é clássico de nascença. Mas o resto não teria envelhecido, a maneira de tratar as coisas e as pessoas? Nada seria mais natural em uma escritora que teve um grande êxito popular escrevendo sobre coisas de seu tempo e de sua cidade: o que é muito «nôvo» envelhece depressa.

Pois a resposta a esta dúvida me alegrou: Colette permanece. É claro que não está nem poderia estar em moda agora, num momento em que a literatura busca temas de angústia e negação, em que o espírito se exacerba diante do próprio vácuo, numa negação do Eterno que em si mesma é uma forma de misticismo. Colette faz a novela tradicional; conta, quase sempre, uma simples história de amor; fora disso o que lhe interessa são os bichos, são as plantas, o céu, as coisas simples da natureza. Sua grandeza me parece residir nisso, na tranquilidade com que ela aborda esse tema tradicional que é amor entre o homem e a mulher. Fala do amor sentimental sem pieguismo e do amor físico sem vulgaridade; e não separa um de outro, antes os vê misturados como eles aparecem na vida, e misturados também a todas as coisas vulgares da vida, os problemas de dinheiro, beleza, inteligência, lugar, tempo... Sem cuidar um instante de ser transcendental, esta cronista de «casos» acaba criando, talvez sem querer, apenas através da sensibilidade, uma filosofia do amor.

Essa mulher que morreu há uma dúzia de anos foi, afinal, uma grande escritora honesta e humana que soube ver o lado melancólico e terrivelmente sério das coisas frívolas. Os franceses, por isso mesmo, não se limitaram a admirar Colette; eles a amaram. E sua glória sempre teve um gosto de ternura.

DN 14.9.54

M 686

4/8/66

135